

**Nem toda forma de amor vale a pena ou paixão é cocaína, amor é rivotril**

**Not every form of love is worth or passion is cocaine and love is rivotril**

**No todas las formas de amor valen la pena o la pasión es la cocaína, el amor es rivotril**

*Ieda Tucherman* | [iedatucherman@gmail.com](mailto:iedatucherman@gmail.com)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Comunicação. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

## Resumo

O interesse deste texto é o de produzir uma reflexão sobre a subjetividade contemporânea. A hipótese que propomos é dupla: de um lado, objetivamos pensar numa história que descreve a substituição dos vínculos tradicionais pelos laços da modernidade, que funcionam, mas podem ser desfeitos para as conexões contemporâneas: múltiplas, flexíveis e pragmáticas. Por outro lado, considerando a palavra-chave que define as relações de saber-poder e os processos de subjetivação e saúde em que as relações de mídia e ciência atuam, buscamos demonstrar como se constrói uma compreensão neuroquímica da subjetividade que torna visível a medicalização da sociedade.

**Palavras-chave:** Subjetividade; Saúde; Amor; Vínculos; Medicalização; Biopolítica.

## Abstract

The interest of this text is to reflect on the contemporary subjectivity. The hypothesis that we propose is twofold: on the first side we can think of a story that describes the replacement of traditional links in the bonds of modernity that work, but can be shattered, for contemporary multiple connections, ephemeral, multiple and pragmatic. On the other hand, whereas the keyword which defines relations of knowledge, power, and claim the performance of modern politics is health, where relations between science and pharmaceutical industry act, we seek to show how a neurochemical understanding of subjectivity is built, which has made possible and even desired a medicalization of our society.

**Keywords:** Subjectivity; Health; Love; Link; Medicalization; Biopolitics.

## Resumen

El interés de este trabajo es producir una reflexión sobre la subjetividad contemporánea. La hipótesis que proponemos es doble: por una parte, nos proponemos pensar en una historia que describe la sustitución de los bonos tradicionales por los lazos de la modernidad, pero que el trabajo se puede deshacer las conexiones contemporáneas, múltiples, flexibles y pragmáticas. Por otro lado, teniendo en cuenta que la palabra clave que define las relaciones de poder-conocimiento y procesos subjetivos es la salud, donde las relaciones de los medios de comunicación y el trabajo de la ciencia, que nos demuestran cómo construir una comprensión neuroquímica de la subjetividad que hace visible la medicalización de la sociedad.

**Palabras clave:** Subjetividad; Salud; Amor; Links; Medicalización; Biopolítica.

---

## INFORMAÇÕES DO ARTIGO

**Declaração de conflito de interesses:** Não há.

**Fontes de financiamento:** Bolsa de produtividade em pesquisa CNPq.

**Histórico do artigo:** Submetido: 15.ago.2015 Aceito: 17.ago.2015 Publicado: 20.dez.2015.

**Licença:** CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (download), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciiis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Em 1977 Roland Barthes publicou *Fragmentos do discurso amoroso*<sup>1</sup>, que seria não apenas material de consulta para teóricos, como também livro de cabeceira para muitos, inclusive eu mesma. A rigor, trata-se de uma elaboradíssima compilação de vários pequenos textos, extratos de romance, de poesia, de livros de filosofia e psicanálise. Nele aparecem vários autores congregados pela colagem não aleatória (mesmo que o pareça à primeira vista) do autor. Encontramos aí o próprio Barthes, às vezes, em textos confessionais como um diário<sup>i</sup>, Schiller, Lacan, Nietzsche, Baudelaire, Proust, Goethe e vários outros.

Apresentando seu projeto, diz-nos o teórico: *“a necessidade deste livro se apoia na seguinte consideração: o discurso amoroso é hoje em dia de uma extrema solidão (...) Levado por sua força à deriva do inatural”*. Neste momento, Barthes falava que os saberes, as disciplinas e os pensadores teriam virado as costas para este tema, o que ele, claramente, lamentava. No entanto, vale lembrar uma circunstância que, de alguma forma, o contradizia: os anos 70 foram os anos de *boom* da psicanálise tanto na França como no Brasil.

No entanto, aquilo que ele indicava como inaturalidade certamente estava se aproximando muito rapidamente, o que nos permite concluir que o amor tem uma história (que inclui o seu apagamento) feita de rupturas e deslocamentos. Mantivemos para experiências muito diferentes a palavra amor, e esta foi tão usada que ficou, digamos, enxovalhada. No entanto, o seu sentido e sua função social e existencial têm um percurso próprio na história do homem e da cultura. Apenas para provocar, podemos pensar que nas duas pontas do tempo temos o amor incondicional de Deus e o que é proposto nos sites de relacionamentos amorosos: ame, mas não se engaje.

A pergunta seria, portanto: se cada época vive sua experiência de amor e sua forma de amar, teremos sempre, mesmo participando do coro dos vencidos, numa alusão a Nietzsche, as ruínas das formas passadas de amar, buscando inspiração no anjo de Walter Benjamin? E, se existe uma forma de amar e um discurso que sejam contemporâneos, como e onde circulam? Quem os elabora? Como é interpretado?

## A genealogia do amor

Qual foi o motivo que nos levou a fazer do amor uma questão histórica? Podemos dizer que o campo comunicação tem duas palavras chave: mediação e vínculos, que construiriam e sustentariam certo pertencimento que nos ancora no mundo. Sem estes dois pilares, o campo dinâmico da comunicação, nome que indica direção à ação comum, não se configura.

Em textos e aulas anteriores, uma vez que a pesquisa se marca também por este vai e vem, propus uma metodologia derivada da apresentação que Foucault fez quando propôs o conceito de diagrama. Nela, considerava que pensando que há as linhas de enunciação que são copresentes às linhas de visibilidade, tal como apresentadas no decorrer de toda a obra foucaultiana, seria possível pensar, sem ferir a base lógica do conceito de diagrama, numa espécie de decantação destas linhas de enunciação, mantendo a tensão interna que o diagrama conserva entre estas linhas, entre os discursos entre si e destes com a sua exterioridade.

Para Foucault o discurso é um acontecimento<sup>2</sup> que deve ser analisado a partir das condições dinâmicas deste modo de ser, isto é, fora da característica de representação ou monumento, portanto, considerado a partir das condições de possibilidade do surgimento de um enunciado, assim como da série onde estes se inserem e da sua regularidade. Identificamos então operadores discursivos, e foi a partir destes que imaginamos a possibilidade de pensar que teríamos em todas as formações discursivas quatro presenças com hierarquias diferentes: operadores teológicos (que incluem os místicos e religiosos e se relacionam com o princípio de transcendência), operadores epistêmicos (ligados ao surgimento e à vida das ciências), operadores estéticos (ligados às percepções e ao imaginário) e operadores técnicos.

<sup>i</sup> Como o da espera do telefonema, “A espera é um encantamento: recebi ordem de não me mexer”, p.95.

Vale lembrar que nossa premissa é a da permanência de presença de todos os operadores, considerando inclusive o princípio proposto no mesmo texto, A Ordem do discurso, a saber, o da rarefação, que podemos traduzir algo atabalhoadamente por um “o que não está aparecendo?”. Não se trata de buscar um discurso latente, mas um momento num conjunto de forças que estrangula, minimiza ou torna presente por oposição, como foi a da racionalidade da ciência contra a magia da crença, onde a última não desapareceu, mas ficou no estoque dos vencidos, ou num discurso contra o qual os outros se produziam.

De maneira muito panorâmica, e considerado em rupturas, continuidades e deslocamentos, podemos pensar numa hierarquia do operador teológico regendo a constelação nas experiências religiosas de maneira geral e, certamente, aí os vínculos são reforçados por esta transcendência.

A Modernidade teria dois operadores simultâneos, o que deveria nos impedir, a rigor, de falar em modernidade, mas em modernidades plurais: o epistêmico, correspondendo não apenas ao surgimento da ciência moderna mas também à laicização do mundo, já que aí o homem se torna um ex-cêntrico, a saber, expulso de um centro tornado impossível a partir da introdução do infinito nas especulações humanas, afinal, se o Universo é infinito “*não pode ter centro nem margens... e aí o indivíduo é o que tudo pode mas nada é.*”<sup>ii</sup>

O segundo, o operador estético, é oposto e complementar ao epistêmico, e seu surgimento coincide com as necessárias perguntas oriundas deste universo onde os homens deram as costas para os deuses. Será o campo da construção discursiva da percepção e da sensibilidade humanas, além de ser aquele que vai poder saudar esta nova figura do indivíduo. Na literatura, um dos campos onde se dá melhor a ver é, entre outros, em Shakespeare (“ser ou não ser”), em Dom Quixote (o homem das analogias selvagens) e, posteriormente, no Romantismo (que terá em Rousseau sua grande figura inaugural).

A nossa atualidade, com parte dos pés ainda mergulhados no seu passado recente, se não por qualquer outro motivo, pela nostalgia de “tempos mais humanos”, tem no operador técnico sua centralidade, e isto fica mais complexo e mais evidente quando o caso não é o de uma tecnologia ligada à externalidade do mundo, mas à interioridade do corpo humano, aí incluído o seu cérebro. Como eu mesma disse num texto antigo numa fórmula que achei feliz: “*Tudo indica que fizemos um longo percurso desde a Grécia mãe e seus mitos encantadores até os nossos sofisticadíssimos laboratórios de genética, informática e biomecânica (eu acrescentaria hoje de neurociência). Que talvez possa ser expresso como a passagem de um ‘decifra-me ou te devoro’ a um ‘cria-me, pois tecnicamente és deus’*”<sup>4</sup>.

É importante lembrar que todos os operadores são supostos estar presentes, o que torna possível vermos hoje, ao mesmo tempo, a presença de lutas religiosas e as promessas do Projeto Genoma de erradicar todas as doenças genéticas e, de certa forma, impedir as mortes naturais assim como as instalações artísticas que testam a potencialidade dos softwares e a invenção da sociabilidade e dos afetos via redes sociais<sup>iii</sup>.

Seguindo esta pista metodológica, podemos dizer que a força dos vínculos se relaciona com a tradição e correspondeu no seu apogeu ao universo religioso medieval, sem nunca ter desaparecido completamente. Aí o modelo dos vínculos era um tipo de amor ao qual já nos referimos: o amor incondicional a Deus e de Deus. Para alguns, este modelo da incondicionalidade seria experimentado no amor maternal, no entanto, não apenas Elizabeth Badinter<sup>5</sup> afirma que o amor maternal é uma construção cultural, como as novas realidades geopolíticas problematizam esta hipótese: se uma argelina deixa seus filhos aos cuidados de sua mãe e vai para a França trabalhar como babá, convivendo diuturnamente e cuidando destes filhos que não são os seus, como pensar na incondicionalidade e na ausência ao mesmo tempo?

A modernidade transformou os vínculos em laços, dos quais talvez o modelo mais consistente no âmbito coletivo seja O Contrato Social, e no campo existencial o imaginário amoroso. Tais laços, que podem ser

ii Giorgano Bruno apud Figueiredo, 1992.

iii Um exemplo bizarro e curioso surgiu neste verão no Rio: uma pizzaria entrega via drones, pedaços de pizza a quem está na praia num raio de até 200 metros.

mais ou menos fortes, ainda amarram, mas podem ser desfeitos, e a contemporaneidade, no seu *logos* técnico, mas também no seu *locus* imaginário, traduziu os laços por conexões que podem e devem ser efêmeras, múltiplas e flexíveis. Parece-nos possível fazer uma analogia com outro percurso de nomeação e significação: da alma (que transmigrava na experiência grega) para o espírito, deste para a consciência na racionalidade moderna, e desta para o cérebro, palavra-chave das novas neurociências<sup>iv</sup>.

A pergunta que a nossa atualidade propõe é o que é pensar o amor, a mais gasta das palavras, o mais forte dos laços e um dos nossos sentimentos mais confusos, cujo campo semântico engloba: enamoramento, paixão, altruísmo e sexualidade, realização, assim como ódio, ciúme, rejeição, frustração. Para Freud, amor e ódio são como as duas faces de Janus, têm a mesma estrutura psíquica que ele explicita como compulsão à repetição.

Há, ainda, um adendo, explorado por Niklas Luhmann, num livro chamado A improbabilidade da comunicação<sup>o</sup>. O autor pergunta como a mais improvável situação de sucesso, ou seja, a da comunicação eficaz, pode se tornar a mais frequente e fundamental para a nossa experiência. Enumerando as causas da improbabilidade, a primeira remete imediatamente ao nosso tema: diz ele que, mesmo numa comunicação interpessoal, dada num contexto amoroso de máxima intimidade, nem sempre se ouve efetivamente o que foi dito pelo outro, tal como foi dito. Afinal, escutamos nossa voz com a garganta e a do outro com o canal aéreo, portanto, mesmo que faça parte da proximidade a identificação de tristeza ou alegria no tom de voz do outro, muitas vezes acontecem os mal-entendidos ligados a esta não coincidência entre falar e ouvir. A estratégia não seria repetir a mesma coisa ou interpretar, pois a diferença permanecerá podendo se transformar em distância. Ao contrário, para diminuir o atrito, a tática mais eficaz é trazer à cena o que foi construído nesta relação de amor: a música que parece o tema do casal, o prato favorito ou o “neutro” eu te amo, que encerra a discussão<sup>v</sup>.

Verificamos que o amor é um tema que atravessa a filosofia, a psicologia, a medicina (neurociência), a cultura de elite e a de massa (o que seria desta sem o amor?), além da literatura, do cinema, dos sites de relacionamento e dos manuais de autoajuda. A impressão que fica é que se fala do amor em toda parte e não se diz nunca o que ele é.

Vamos aos fatos:

Nós, como Barthes<sup>1</sup>, devíamos estar preparados para isto, a saber, para a inatualidade do discurso amoroso tal como ele se apresentava anteriormente. Nas palavras finais de *As Palavras e as Coisas*, Michel Foucault, com a clarividência do seu ceticismo ativo<sup>vi</sup>, anunciava que, se a configuração que fez aparecer o homem no centro do saber, incluindo e privilegiando as ciências humanas, desaparecesse, também este, o homem, não o mais constante, nem o mais antigo dos problemas para a cultura e o pensamento, este mesmo homem veria seu rosto desaparecer como se fosse um desenho na areia apagado por uma onda do mar. Com ele iriam junto aquilo que inventamos para celebrá-lo e certamente o amor como princípio de vínculos e de subjetivação iriam se esboroando<sup>7</sup>.

Contudo, o mesmo Foucault, ligado à genealogia, às emergências, às condições de possibilidade dadas numa determinada relação saber-poder e às regularidades que tornam visíveis tais relações, veria, aliás, como viu e o enunciou, um homem diferente que ele identifica em dois momentos da história e de seus escritos. Aqui é importante apontar o que era para Foucault a ideia de diferença: não se trata de diferença absoluta (ele também sabia que esta apresenta dois lados da mesma moeda), mas da tensão entre o atual e o presente. Muito resumidamente, podemos enunciar a ideia de atualidade como composta por aquilo

iv Num projeto de pesquisa anterior verificamos ao crescimento da incidência da palavra cérebro nas revistas científicas, *Galileu*, *Superinteressante* e *Scientific American* edição Brasil.

v Roland Barthes, na apresentação do *Fragmentos de um discurso amoroso*, fala do sujeito amoroso como o que diz primeiro o eu te amo. Sobra pouco para o outro, a não ser eu também. Vale um post que recebi pela rede “eu te amo tanto que nem respiro/ isto não é amor, é asma/ então eu te asmo”<sup>1</sup>.

vi Em entrevista sobre poder e liberdade Foucault diz que seu método parte de um ceticismo ativo, expressão que foi apropriada por John Rajchman no livro, *Foucault: pensador da liberdade*<sup>8</sup>.

que não somos mais, mas do que ainda temos sintomas (como a tosse no final de uma gripe) e aquilo que ainda não somos, mas estamos nos tornando (saúáveis ou doentes crônicos). Entre eles atua uma forma particular de poder que não estava presente antes na sua obra.

São dois momentos, expressos por duas citações muito próximas no tempo, que funcionam como premissa para a nossa análise. A primeira aparece nas páginas finais da *Vontade de Saber*, primeiro volume da *História da Sexualidade*: “*O homem durante milênios permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão*”<sup>9-10</sup>. Neste momento, ele cunha o termo biopolítica, explicitando seus dois eixos, nascidos em séculos diferentes. O primeiro, do século XVII, seria a anátomo, patologia dos corpos que os analisaria como máquinas dinâmicas, e aqui podemos consagrar o resultado da clínica médica; o segundo seria uma biopolítica das populações, o que envolve pensar a população como um todo, natalidade, mortalidade, longevidade etc. Esta, nascida na metade do século XIX, já traz embutido em si o cálculo de riscos substituindo a lógica da norma. Ele nos dá um ótimo exemplo disto quando fala em segurança, território, população na vacina da varíola pertencente a este modelo, versus os modelos anteriores da lepra, abandono e da peste, segregação. Sendo um pouco arriscados, podemos falar numa colonização do corpo.

A segunda citação aparece no *Nascimento da biopolítica*, curso no Collège de France, e aí Foucault acrescenta um dado fundamental para entendermos o nosso hoje, quando anuncia que o **homem econômico seria substituído pelo empreendedor de si mesmo, tornando-se um capital humano constituído de elementos que seriam inatos e outros fatores adquiridos**<sup>vii</sup>. Podemos acrescentar também um capital social. Nesta atualidade, devemos ser empreendedores de nós mesmos, fazendo uma gestão calculada e cuidadosa da nossa vida a partir das novas descobertas da biociência e das informações que nos são divulgadas<sup>11</sup>. Aí encontramos, mantendo o mesmo paralelismo, a colonização tanto da consciência quanto do imaginário.

Note-se aí, e de imediato, a viciada relação ciência e mídia, a mídia conferindo visibilidade e a ciência conferindo prestígio, assim como podemos perceber o movimento de descoletivização dos riscos, o que aponta na direção da nomeada cultura do narcisismo.

Uma observação é importante e reforça nossos argumentos: existe, como uma espécie de balanço, na hierarquia das ciências quanto ao seu prestígio e, portanto, aos investimentos que recebe. Certamente, para pensadores como Badiou, Anne Marie Moulin e o próprio Foucault, a palavra-chave do século XX que se manteve no XXI foi a **saúde**<sup>12</sup>. Anne Marie Moulin diz que o século XVIII teve como palavra-chave a liberdade, o século XIX teria tido como mote a felicidade que escorregou para o século XX, e hoje, já vindo de antes, o imperativo é a saúde<sup>13</sup>. Para Foucault, a saúde substitui a salvação, e o corpo passou a ocupar o centro do pensamento.

Por estas razões, as tecnociências da vida têm hoje a primazia na hierarquia vigorosa do campo do saber-poder, o que reforça a ideia de biopolítica e suas formas de atuação, e isto por três distintas e poderosas razões. A primeira foi a associação entre ciência e indústria muito desenvolvida no pós-guerra, que trouxe a indústria de fármacos (lógica capitalista) para o mundo da pesquisa. A segunda se deveu à entrada no universo digital, que tornou possível o avanço da genética e a elaboração do fantástico Projeto Genoma, o maior já visto no Ocidente. E, finalmente a questão da visibilidade: se para o Ocidente ver é conhecer, da radiografia, datada de 1895, passando pelas endoscopias, ultrassonografias em 3D, ressonâncias magnéticas, tomografias computadorizadas e, finalmente os PET SCANS, não há mais o último limite de que falava Merleau Ponty: “*nunca veremos o pensamento sendo pensado*”<sup>14</sup>.

Esta aposta da visibilidade como a marca absoluta da verdade tem dado também campo a uma outra e longa onda das biociências, a saber, as neurociências que sustentam sua autoridade de interpretação,

vii Grifo nosso.

diagnósticos e terapias, a partir da visibilidade possível das várias partes do cérebro e as associações das imagens produzidas com estados de saúde, humor, fé, inteligência, amor etc.

Foucault menciona neste *homo economicus* os valores inatos, e estes se traduzem pela atenção que hoje se confere ao campo hereditário (a verdade está nos genes) que constitui um estoque de informações necessárias para o cálculo de riscos, numa nova maneira de atuação das biociências, de raiz nitidamente econômica, que trataria de gerir a vida segundo princípios de valor e risco. Um exemplo quase caricato disto aparece numa experiência também tornada possível por este investimento na pesquisa biomédica. Num banco de sêmen de Seattle, onde o doador aceita a hipótese de conhecer o(a) filho(a) quando mais velho(a), e os pais têm acesso à sua história genética, vale mais monetariamente aquele que tem menos riscos de doenças crônicas e supostamente uma inteligência mais elaborada: o sêmen de um físico vale mais do que o de um pedreiro. Parece que os *head hunters* atuam agora antes mesmo da concepção, o que faz da vida um enorme mercado. Ou agora a vida é também um produto e tem preço, como uma *commodity*.

Neste empreendedorismo de si mesmo, para realizar o cálculo sobre o que pode agregar valor e o que poderia diminuir-lo, é preciso determinar quais são os tais valores vigorando agora na nossa sociedade biotecnológica de mercado. Porque nos parece que a menção constante a uma economia de mercado é a ponta mais aparente de uma realidade; a economia de mercado estava, de certo modo, presente desde o escambo, com o conferir maior valor ao mais raro, e tornou-se mundialmente padrão com a chamada globalização. Nosso lócus é uma **sociedade de mercado que precifica** praticamente tudo, mesmo o que poderia parecer inconcebível. Explicando por partes: só porque a técnica de transplantes evoluiu é que se tornou possível anunciar em jornal ou nas redes sociais e vender um rim; só quando os processos de fertilização in vitro avançaram é que as barrigas de aluguel puderam funcionar (uma barriga de aluguel indiana custa 6250 dólares segundo Sandel<sup>15</sup>, e é uma prática legal). São, portanto, valores de mercado que passaram a desempenhar um papel radical na nossa vida social.

Portanto é necessário avaliar quais são os que contribuem para formação de um tipo de indivíduo que possa ser compatível com as exigências do mundo atual, as quais se expressam por uma disponibilidade para as motivações e movimentos<sup>viii</sup> os mais diversos e ao mesmo tempo por uma flexibilidade para várias diferentes tarefas, às vezes simultâneas, como acontece neste mundo multimídia. No limite, a palavra-chave é eficácia, que substitui a competência que, na modernidade, se traduzia por um conhecimento em profundidade. Podemos falar também em eficiência e em performance dentro da mesma perspectiva.

Sobre os elementos que precisam ser adquiridos, vemos aparecer outro efeito: a medicalização do campo social, naturalizando a relação entre a ciência e a indústria de fármacos, assim como incentivando o consumo dos aditivos químicos capazes de potencializar as nossas ações, nossos comportamentos e nossa inteligência: ritalina, viagra (ou reposição hormonal) e rivotril anunciam este projeto.

Assim, para intervir na existência coletiva em nome da vida e da saúde, o biopoder elabora múltiplas estratégias, tanto mais eficientes quanto menos identificáveis como tal pelo corpo social. Nesta atuação, ele é a origem da proposição dos contemporâneos modos de subjetivação nos quais os indivíduos trabalham a si mesmos, por meio de práticas de si, em nome tanto da sua própria vida e saúde como da população como um todo. E quando falamos de saúde, não é apenas do “silêncio dos órgãos” na expressão feliz de Canguillem<sup>16</sup>, mas tanto das suscetibilidades que indicam tendências hereditárias quanto do que chamamos de saúde mental, cada vez de mais difícil diagnóstico<sup>17</sup>. Mesmo concordando que “de perto ninguém é normal”, as mais de 400 patologias indicadas no DMS5 (Manual de Diagnósticos e Estatísticas dos Transtornos Mentais), agora na sua edição número 5, de 2013, tornam impossível que não nos enquadremos em qualquer uma delas.

viii A chamada globalização produziu um efeito que aparece nos contratos de trabalho: o candidato aceita a hipótese de mudar de estado ou de país, segundo os movimentos e interesses das empresas. E um viajante leve é o que não tem bagagem, o que inclui mulher e filhos, por exemplo.

Isto favorece um comportamento que podemos chamar de **medicalização da subjetividade** que atua tanto no campo individual como no social. No primeiro o faz diretamente, artificializando a vida num processo de biologização do psíquico e do mental. No campo social constrói uma sociedade cada vez mais compatível com o avanço da indústria farmacêutica na sua perversa relação com as pesquisas biotecnológicas. Como intuiu Foucault, o remédio produz o doente, e a mídia o divulga no mundo sócio-político.<sup>18</sup>

Neste momento, podemos ver dois eixos da colonização do imaginário: o primeiro, a cultura somática, e o segundo, ligado à expansão da autoajuda, seria o que Bauman chamou de surto de aconselhamento. Neste texto trataremos apenas do primeiro, que sozinho já dá panos para muitas mangas<sup>15</sup>. Guardemos como se fosse uma receita que tem uma segunda fase, que há um investimento com duas direções complementares: ao indivíduo tornado cada vez mais ansioso e inseguro sobre sua avaliação pelos outros corresponde claramente ao surgimento do exército dos *coachs*, adestradores, tornados necessários para uma vida de *winners e losers*.

Aqui, isto é, no nosso lugar-tempo, as emoções podem ser descritas no repertório médico e por ele diagnosticado. Temos saborosos exemplos que gostaríamos de apresentar: o primeiro é uma postagem de um blog da Superinteressante sob o título *Paixão é cocaína, sexo é rivotril* que associa a produção dos hormônios aos afetos. Então a paixão seria como a cocaína, viciando inclusive, já que alguns indivíduos não suportam viver sem enorme descarga de dopamina. Já o amor se ligaria à produção de ocitocina, hormônio pacificador e ligado à estabilidade.

Vale a pena recortar alguns extratos do texto: *“Bate de uma hora para a outra. Você está mais feliz do que uma criança numa piscina de algodão-doce. As preocupações sumiram. O resto do mundo evaporou. E ela é tudo o que importa. Se está longe, dói. De verdade, como se você tivesse apanhado. Mas se ela chega perto vira o melhor analgésico do mundo. Parabéns: você está apaixonado. Caiu na armadilha mais sofisticada da natureza. (...)” a piscina de algodão doce que se abre quando você está só passeando com alguém especial também é dopamina, só que numa dose mais leve e contínua. Mas não existe descarga de dopamina grátis. Os efeitos colaterais de estar apaixonado são basicamente os mesmos da cocaína: insônia, agonia, taquicardia” (...)* *“Mas a paixão não é imortal, posto que é droga. E posto que é droga, causa dependência química – as dores físicas que os apaixonados sentem quando são rejeitados têm um paralelo nas crises de abstinência”.*

Para combater a paixão ou superá-la, temos, segundo a mesma fonte, dois hormônios ligados ao amor, substâncias que o corpo libera durante os orgasmos: a ocitocina (nas mulheres) e a vasopressina (nos homens). Os neurocientistas falam da ocitocina não só como ansiolítico, mas também como o hormônio da fidelidade. Há os que se viciam na montanha russa da paixão, que tem a duração de três anos, segundo as estatísticas citadas, e esgotada a capacidade de gerar dopamina, o indivíduo parte para outra, e há os que são “beneficiados” pela ocitocina ou vasopressina. Estes podem apostar num amor com duração garantida. Portanto, *“Paixão é cocaína. Amor é Rivotril.”*

Gostaríamos de comentar apenas o que é muito evidente: em primeiro lugar, paixão e amor são explicáveis pela ação de hormônios específicos, portanto, numa primeira vista, o objeto amoroso diminui visivelmente de importância. Quanto ao sujeito, resta saber qual é a droga que o identifica, o que torna séculos de literatura, cinema, artes plásticas, músicas etc., apenas formas modernas de contos de fada ou de crenças iguais às que temos no Papai Noel. Afinal, agora, trata-se da compreensão neuroquímica do indivíduo.

A segunda é uma matéria da Isto é: *A cura do amor*<sup>ix</sup>. A questão não é curar um amor que não deu certo, mas controlar a intensidade do mesmo. Não é à toa que na entrevista de Badiou sobre o amor, ele afirmou que o que o estareceu foram banners de um site de relacionamentos popular na França: *ame sem se apaixonar (aimer sans tomber amoureux) e amar sem aventura (amour sans aventure).*

ix - [http://www.istoe.com.br/reportagens/356120\\_O+AMOR+PODE+TER+CURA](http://www.istoe.com.br/reportagens/356120_O+AMOR+PODE+TER+CURA)

A matéria “A cura do amor” aparece na capa e as chamadas são:

1. Pesquisadores defendem o uso de remédios para acabar com a paixão;
2. Saiba quando o amor vira doença;
3. Por que ele pode ser considerado um vício;
4. Os tratamentos médicos que poderão apagar o sentimento quando ele traz mais dor do que alegria<sup>x</sup>.

O setor onde a longa matéria assinada por Cilene Pereira aparece com cinco robustas páginas (69 a 73) que apresentam ilustrações, diagramas, entrevistas com cientistas de instituições renomadas é classificado como Medicina & Bem-Estar, o que já adianta o foco que será usado para pensar o amor, seus problemas, malefícios e sua cura. Aliás, seguindo a premissa que sustenta também a psicologia positiva, que é a de déficit de conhecimento e/ou percepção, o clique para modificar o nosso olhar parte das afirmações de um cientista: “*A neurociência está nos apresentando um entendimento novo do amor*” e “*Futuro: o cientista Brian Earp de Oxford, acredita que os recursos para tratar a emoção se tornarão ainda mais sofisticados*”.

Para atrair o leitor, o texto começa de forma coloquial e, ao mesmo tempo, positiva e esperançosa: afinal, como diz a jornalista, quem nunca sofreu por amor e no auge da dor imaginou como a vida seria melhor se houvesse na farmácia mais próxima um remédio para acabar com o sofrimento. E aí entra a promessa “*Na opinião de um respeitável time de cientistas esses remédios existem*”. O leitor imagina então que este consumir-se a ponto de querer deixar de sentir deriva do que, em português muito coloquial, chamaríamos de um pé na bunda, risco constante de quem está envolvido com outro alguém. Afinal, a matéria apresenta, a partir do mesmo cientista, que “*Não se descarta, inclusive, a manipulação da memória por meio de técnicas adotadas hoje no tratamento de estresse pós-traumático*”.

E estará enganado: e é isto que é espantoso. O amor que deve ser curado não é o que acabou, mas aquele que, presente, mantém uma intensidade de envolvimento e dedicação que atrapalha o desempenho das funções sociais e profissionais, isto é, altera a eficácia da performance. Um dos sintomas deste amor patológico é descrito como “*A pessoa não consegue ficar sem pensar/cuidar do parceiro*”. Está decretado, então, o fim do enamoramento, que, no lugar de ser o momento em que nos sentimos mais vitalizados, passa a ser aquele em que estamos mais vulneráveis e menos eficientes.

O conselho é, portanto, dividido em duas partes: a primeira é substituir os laços pelas conexões onde o afeto é frouxo, múltiplo e inconstante. Não é diferente da política neoliberal que costumamos criticar (os mais sensíveis). Alain Badiou, no seu precioso livrinho, Elogio do amor, faz com precisão esta articulação: eu não me engajo na minha relação amorosa com você, como não te engajo na sua relação profissional com a minha empresa. Lembremos que a vida deve ser administrada como uma empresa, portanto deve ter o mesmo padrão de conduta<sup>12</sup>.

Se você não conseguiu domar a tal indesejável intensidade, paciência, recorra ao segundo passo: faça uso daquilo que a fantástica indústria farmacêutica contemporânea produziu pensando em como erradicar o sofrimento da vida das pessoas.

Como diz Ehrenberg, no lugar da consagrada expressão marxista que falava da religião como o ópio do povo, a proposta agora parece ser a de uma sociedade dopada neste culto assustador do eu eficaz<sup>17</sup>. Isto é tanto mais grave porque os meios de comunicação participam ativamente desta construção do “*indivíduo somático*”<sup>14</sup>. Na medida em que divulga estas maravilhas das novas ciências da vida, disponibiliza um repertório que funciona como princípio de identificação deste indivíduo que deve exercer, com cuidado permanente, um cálculo de riscos que represente também uma “*prudência biológica*”<sup>14</sup>.

A nova organização que também coloniza os afetos, além do corpo e no mesmo movimento, não apenas realiza uma perfeita descoletivização dos erros e acertos, como propõe que cada um seja responsável pelo

x Não dá para não lembrar do filme de Michel Gondry, Brilho eterno de uma mente sem lembranças.

seu corpo, pela sua imagem, pelo seu sucesso, pelo seu êxito e seu futuro. O sofrimento amoroso quando acontece é porque o indivíduo não soube adaptar-se à situação e a este novo universo que aconselha a multiplicar as conexões no lugar de favorecer os laços.

Na contramão de tudo isto, sem querer retomar o romantismo onde não cabemos mais, vale o saber do poeta, muito mais expert em amor pela longa história onde o fez surgir e dele cuidou “*O amor tem que ser reinventado*”. Rimbaud.

## Referências

1. Barthes R. Fragmentos de um discurso amoroso. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1981.
2. Foucault M. L'ordre du discours. Paris: Gallimard; 1970.
3. Figueiredo LC. A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação 1500-1900. São Paulo: Escuta; 1992.
4. Tucherman I. Breve história do corpo e de seus monstros. Lisboa: Vega; 1999.
5. Badinter E O. Um amor conquistado: o método amor materno, Rio de Janeiro, Nova Fronteira 1985.
6. Luhmann N. A improbabilidade da comunicação. Lisboa: Vega; 1992.
7. Foucault M. As palavras e as coisas, Les mots et les choses. Paris, Gallimard, 1966
8. Rajchman J. Foucault: pensador da liberdade, Rj, Jorge Zahar Editor, 1987.
9. Foucault M. Poder-corpo. In: Microfísica do poder. Machado R. (Org, Trad.). Rio de Janeiro: Graal; 1976.
10. Foucault M. História da Sexualidade I: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal; 1977.
11. Foucault M. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes; 2008.
12. Badiou A, Truong N. Éloge de l'amour. Paris: Flammarion; 2010.
13. Moulin AM. O corpo diante da medicina. In: História do corpo. As Mutações do Olhar, org, Alain Courbin, George Vigarello, Jean-Jacques Courtine, Petrópolis: Vozes; 2008.
14. Merleau Ponty, M, O visível e o invisível, São Paulo, Coleção Debates, Editora Perspectiva 2014.
15. Sandel M. O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2012.
16. Canguillem G. O normal e o patológico. São Paulo: Editora Forense Universitária; 1998.
17. Foucault M. Microfísica do poder. 4 a ed. Rio de Janeiro: Edições Graal; 1984.
18. Bauman Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar; 2009.
19. Versignassi A. Paixão e cocaína, amor e rivotril. São Paulo: Super Interessante; 2013. [citado 22 out 2015]. Disponível em: <http://super.abril.com.br/blogs/crash/parece-amor-mas-e-so-rivotril/>